



RESUMOS DAS MONOGRAFIAS/TRABALHOS DE INVESTIGAÇÃO
28º CURSO DE LICENCIATURA EM ENFERMAGEM

Título do Estudo: Impacto da adição à internet na qualidade do sono de alunos do ensino básico e ensino secundário

Investigadores Principais/Orientadores: Professor Doutor Amadeu Gonçalves; Professor Doutor João Duarte

Investigadores Colaboradores (alunos): Ana Branco, João Pais, Maria Esteves, Mariana Rodrigues, Pedro Duarte, Susana Nascimento

Curso: 28º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2017

Resumo

Enquadramento: O sono desempenha um importante papel em relação ao bem-estar físico e psíquico dos adolescentes, sendo a adição à Internet um preditor significativo da perturbação do sono.

Objetivos: Identificar as variáveis sociodemográficas e académicas que influenciam a qualidade do sono dos alunos do ensino básico e secundário; verificar se as habilitações literárias dos pais influenciam a qualidade de sono dos alunos; analisar a influência da variável adição à internet na qualidade do sono dos alunos.

Metodologia: Estudo descritivo, correlacional e analítico com 673 alunos do ensino Básico e do Ensino Secundário. Para recolha de dados foi utilizado questionário com caracterização sociodemográfica e académica, Teste de Adição à Internet de Young, versão portuguesa de Pontes (2013) e pelo Índice de Qualidade do Sono de Pittsburgh, adaptado por Duarte (2011).

Resultados: Amostra maioritariamente do sexo feminino (52,0%), com uma média de 15,5 anos ($\pm 1,906$ anos); 37,4% possuem idade igual ou inferior aos 14 anos; 37,3% encontram-se na faixa etária dos 15-16 anos de idade; 64,9% residem em meio urbano; 59,7% frequentam o ensino básico; 72,2% sem reprovações. Os rapazes, maioritariamente, apresentaram boa qualidade de sono (52,8%), enquanto 61,7% das raparigas manifestaram má qualidade do sono ($X^2 = 12,634$; $p = 0,000$); 46,5% dos alunos mais novos têm boa qualidade de sono ($X^2 = 48,074$; $p = 0,000$). Os alunos residentes em meio urbano apresentaram pior qualidade do sono, com relevância estatística para a duração do sono ($p = 0,000$) e para a disfunção diurna ($p = 0,019$). Os alunos do ensino secundário possuem pior qualidade de sono, à exceção da eficiência do sono e uso de medicação, com diferenças estatisticamente significativas em quase todas as dimensões da qualidade do sono. Os alunos com reprovações têm pior duração do sono, usando mais medicação e revelaram pior eficiência do sono. Os alunos sem reprovações patentearam pior qualidade subjetiva do sono, pior latência do sono, mais distúrbios do sono e mais disfunção diurna, com diferenças estatisticamente significativas na duração do sono ($p = 0,012$) e na disfunção diurna ($p = 0,023$). Os alunos com impacto elevado da adição à internet nas emoções/afetos e na vida diária exibiram pior qualidade de sono. Os alunos com melhor qualidade de sono têm baixo impacto de adição à internet, resultando em diferenças estatisticamente significativas. Quanto menor a adição à internet, melhor é a qualidade do sono dos alunos.



Conclusões: Os resultados sugerem o reforço de intervenções no âmbito da saúde escolar, através de sessões de educação para a saúde, como meio de se prevenir comportamentos de risco, como a adição à Internet, para que os adolescentes tenham um desenvolvimento global harmonioso.

Palavras-chave: Adição à Internet; Qualidade do Sono; Alunos.

Título do Estudo: A Inteligência Emocional dos pais de alunos da Zona Centro de Portugal: influência dos afetos positivos e negativos e a satisfação com a vida

Investigadores Principais/Orientadores: Professora Doutora Cláudia Chaves; Professor Doutor João Duarte

Investigadores Colaboradores (alunos): Ana Catarina Henriques Vale, Ana Teresa Ricardo Figueiredo, Bruno Miguel Oliveira Afonso, Cândida Isabel da Silva Esteves, Joana Margarida Martins Fernandes, João Pedro Silva

Curso: 28º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2017

Resumo

Enquadramento: A inteligência emocional concorre para a promoção e facilitação das relações interpessoais e de comportamentos conformes, impulsionadores de bem-estar psicológico e de vivências sociais adaptativas.

Objetivos: Verificar de que modo as variáveis sociodemográficas, satisfação com a vida e os afetos positivos e afetos negativos se relacionam com a inteligência emocional dos pais.

Metodologia: Estudo descritivo, correlacional e analítico com 207 pais de um Agrupamento de Escolas da zona centro de Portugal. Para recolha de dados foi utilizado questionário com caracterização sociodemográfica, Escala de Satisfação com a Vida (SWLS) de Diner (1984), adaptada para a população portuguesa por Simões (1992), Escala de Afeto Positivo e de Afeto Negativo – PANAS de Watson, Clark e Tellegen (1988), validada para a população portuguesa por Galinha e Ribeiro (2005) e Escala de Inteligência Emocional – WLEIS de Wong (2002), adaptação de Rodrigues, Ribeiro e Coelho (2011).

Resultados: Amostra maioritariamente do sexo feminino (82,1%), com uma média de 42.86 anos (± 6.813 anos), 75.4% possuem companheiro(a) e 36,6% têm escolaridade até ao 9º ano (39.6%). Os pais com companheiro(a) revelaram-se mais satisfeitos com a vida ($p=0,001$), os que têm o ensino secundário ($p=0,000$) e com um rendimento familiar mais alto ($X^2 = 14,864$; $p=0,001$). Os pais ativos profissionalmente expressam mais satisfação com a vida ($p=0,012$). As mães revelam uma maior avaliação das próprias emoções e avaliação das emoções dos outros ($p=0,026$). Os pais com o ensino superior avaliam mais as próprias emoções ($p=0,011$), os que têm rendimento familiar superior manifestam mais inteligência emocional ($X^2 = 2,049$; $p=0,005$).

Conclusões: Os pais com menos satisfação com a vida avaliam mais as próprias emoções, aqueles que expressam mais satisfação com a vida avaliam mais as emoções dos outros, os que demonstram mais diferença de afetos e mais satisfação com a vida, usam mais as emoções, quanto mais satisfação com a vida e independentemente do sexo, mais regulam as emoções e que quanto mais satisfação com a vida e mais diferença de afetos revelarem, mais inteligência emocional possuem.

Palavras-chave: Inteligência Emocional; Satisfação com a vida; Afetos positivos e afetos negativos; Pais.

Título do Estudo: Intervenções dos professores face aos comportamentos hostis em estudantes do 2º e 3º ciclo do ensino básico

Investigadores Principais/Orientadores: Professora Doutora Carla Cruz

Investigadores Colaboradores (alunos): Cátia Serenela Almeida Guedes, David José Pascoal Roseta, João António Saraiva Cunha, João Pedro Marques Figueiredo, Paulo Manuel Rocha Caetano, Sónia Raquel Oliveira Marques

Curso: 28º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2017

Resumo

Enquadramento: O fenómeno dos comportamentos hostis assume-se como relevante numa época em que as sociedades estão a mudar as suas atitudes em relação a muitos aspetos sociais, culturais e axiológicos. Estes comportamentos assumem-se como uma realidade concreta e, como tal, assume relevância o seu estudo, em contexto escolar.

Objetivos: Verificar se as estratégias formais preconizadas pelos professores são eficazes face aos comportamentos hostis dos estudantes; identificar que estratégias os professores utilizam perante um estudante com comportamentos hostis; conhecer quais as estratégias que deveriam ser implementadas nas escolas para combater os comportamentos hostis; Conhecer a opinião dos professores acerca do desempenho dos enfermeiros no âmbito desta problemática, atendendo à sua importância na equipa multidisciplinar.

Metodologia: Estudo qualitativo, com recurso à análise de conteúdo. Como instrumento de recolha de dados recorreu-se à entrevista semiestruturada, aplicada a 15 diretores de turma de duas escolas do 2º e 3.º ciclo do ensino básico da cidade de Viseu, sendo maioritariamente participantes do sexo feminino, com um tempo de docência a oscilar entre os 11 e os 38 anos.

Resultados: Os professores atribuem importância à problemática dos comportamentos hostis dos estudantes, valorizando sobretudo, como estratégia pedagógica implementada, o diálogo com os estudantes e com os pais/encarregados de educação, em detrimento das estratégias punitivas. Também referenciaram as advertências, a realização de trabalhos de casa extra, as medidas corretivas, saída da sala de aula, informar a direção da escola e a psicóloga, bem como a realização de atividades lúdicas extra sala de aulas. Sugerem a suspensão/trabalho comunitário, a redução do número de estudantes por turma, formação para os estudantes, solicitar aos estudantes a realização de trabalhos de pesquisa sobre os comportamentos hostis, criação de gabinete de apoio ao aluno e família, existência de professores tutores e a criação de clubes, onde os estudantes possam realizar atividades lúdicas e recreativas.



Conclusão: Os professores lidam com os comportamentos hostis através de várias estratégias pedagógicas para além do diálogo, recorrendo ao apoio da multidisciplinar, onde o enfermeiro desempenha um papel importante.

Palavras-chave: Intervenções pedagógicas; comportamentos hostis; estudantes; professores.

Título do Estudo: Impacto da adição à internet e da saúde mental no rendimento escolar dos alunos do ensino básico e secundário

Investigadores Principais/Orientadores: Professora Doutora Lídia Cabral; Professor Doutor João Duarte

Investigadores Colaboradores (alunos): Ana Rita Marques Loureiro, Carla Sofia Morgado Moutinho, Cátia Marlene Moreira Soares Sousa, Joana Rita Correia Lopes, Tiago Daniel da Silva Rodrigues

Curso: 28º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2017

Resumo

Enquadramento: A utilização da Internet tem uma dupla face, ou seja, consequências favoráveis e desfavoráveis, destacando-se os seus efeitos na saúde mental e no rendimento escolar dos alunos do ensino básico e secundário.

Objetivos: Identificar as variáveis sociodemográficas que influenciam o rendimento escolar dos alunos do ensino básico e secundário; identificar as variáveis académicas que influenciam o rendimento escolar dos alunos do ensino básico e secundário; analisar a influência da variável adição à internet e da saúde mental no rendimento escolar dos alunos do ensino básico e secundário.

Metodologia: Estudo descritivo, correlacional e analítico, com uma amostra de 673 alunos que frequentam o ensino básico e secundário do Agrupamento de Escolas Tomás Ribeiro, Tondela, sendo na sua maioria raparigas (52,0%), com uma média de idades de 15,05 anos ($\pm 1,906$ anos). Para recolha de dados, recorreu-se ao questionário de caracterização sociodemográfica e académica, o Inventário de Saúde Mental (Pais-Ribeiro, 2011), Teste de Adição à Internet de Young (Pontes, 2013), Questionário do Rendimento Escolar.

Resultados. Maioritariamente, os alunos vivem em zona urbana (64,9%), frequentam o ensino básico (59,7%), sem reprovações em anos anteriores (72,2%), cujo pai tem o ensino básico (45,6%) e a mãe o ensino secundário (41,5%). Maior impacto negativo da adição à Internet na vida diária ($M=27,473\pm 18,992$). Percentagem mais elevada para o impacto moderado da adição à Internet (47,7%). Prevalencem os rapazes com impacto elevado da adição à internet (59,0%), os alunos do grupo etário dos 16-17 anos (41,6%), os residentes em meio urbano (66,7%) e os que frequentam o ensino secundário (63,5%). Predomínio do médio rendimento escolar (47,0%) e de alunos sem sintomatologia relativa à saúde mental (98,2%). As raparigas do ensino básico, residentes em meio rural, que nunca reprovaram em anos anteriores são as que manifestam graves sintomas de saúde mental e apresentam melhor rendimento escolar. Quanto menor a perda de controlo, menor o impacto negativo da adição à Internet na vida diária, menos idade os alunos têm, maior o bem-estar, menos reprovações em anos anteriores e independentemente do sexo, mais rendimento escolar os alunos têm.

Conclusões: Os resultados obtidos vieram a confirmar que existe de fato uma correlação entre a adição à internet e a saúde mental no rendimento escolar, uma vez que os alunos que se demonstram adictos à internet, não apresentam na sua maioria sintomatologia de saúde mental, mas pelo contrário apresentam rendimentos escolares inferiores. Assim sugere-se que se façam



mais campanhas de sensibilização na comunidade escolar sobre as consequências negativas que a adição à Internet, bem como alertam os pais para estas.

Palavras-chave: Internet; Saúde mental; Rendimento escolar.

Título do Estudo: Satisfação social e habilidades dos cuidadores: implicações na vulnerabilidade ao stress

Investigadores Principais/Orientadores: Professora Doutora Madalena Cunha; Professor Doutor João Duarte

Investigadores Colaboradores (alunos): Ana Ramos, Ana Cardoso, Ana Castela, Diogo Quintais, Raquel Monteiro, Tamara Cruz, Vanessa Almeida

Curso: 28º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2017

Resumo

Enquadramento: A situação de doença de um familiar, gera frequentemente situações de vulnerabilidade ao stress nos cuidadores informais, funcionando como uma ameaça ao equilíbrio pessoal, familiar e social.

Objetivos: Determinar as implicações da satisfação com o suporte social e do grau de habilidades na vulnerabilidade ao stress dos cuidadores.

Metodologia: Estudo transversal, descritivo e analítico, envolvendo uma amostra de 214 cuidadores informais, maioritariamente feminina (86,9%), com uma média de idades de 51,07 anos; 63,6% residem em meio rural; 66,8% possuem companheiro(a); 57,5% possuem até ao 3.º ciclo do ensino básico, 65,9% com família altamente funcional, 51,9% estão inseridos numa família nuclear ou simples. A recolha de dados foi suportada num questionário de caracterização sociodemográfica e contextual da pessoa cuidada e cuidadores informais; Escala de Graffar, Escala de Apgar Familiar, Escala da Etapa do Ciclo Vital e Tipo de Famílias, Escala de Vulnerabilidade ao Stress, Escala de Satisfação com o Suporte Social e o Inventário de Habilidades do Cuidador.

Resultados: Apurou-se que a maioria dos cuidadores (45,8%) estão razoavelmente satisfeitos com o suporte social, seguindo-se os estão muito satisfeitos (27,6%). Em relação à vulnerabilidade ao stress, maioritariamente, os cuidadores revelam-se não vulneráveis (50,9%), seguindo-se os que se apresentam vulneráveis (49,1%). Sobressaem os cuidadores com habilidades de cuidados adequadas (45,3%), enquanto 27,6% têm habilidades muito adequadas (27,6%). O sexo ($p=0,001$) e o nível socioeconómico ($p=0,000$) interferiram na vulnerabilidade ao stress. As variáveis preditoras de vulnerabilidade ao stress foram a duração da dependência ($p=0,017$), a satisfação com a intimidade ($p=0,000$) e satisfação com as atividades sociais, as habilidades de cuidado relacionadas com a coragem ($p=0,001$) e com o conhecimento ($p=0,002$).

Conclusão: Os resultados apurados sugerem a necessidade de uma intervenção antecipada e eficaz para que se possa assegurar o bem-estar dos cuidadores informais e das pessoas que deles dependem, estando-se mais atentos às suas necessidades, o que implica que os enfermeiros os incluam na unidade de tratamento, de forma a potenciar mais habilidades de cuidado e um reforço do suporte social, de modo a minimizar-lhes a vulnerabilidade ao stress.

Palavras-chave: Cuidadores informais; Habilidades; Suporte social; Vulnerabilidade ao stress.

Título do Estudo: O ensino clínico de urgência como gerador de stresse nos estudantes do Curso de Licenciatura em Enfermagem – A realidade numa escola da zona centro do país

Investigadores Principais/Orientadores: Professora Doutora Conceição Martins; Professor Doutor João Duarte

Investigadores Colaboradores (alunos): Ana Rita Nápoles, André Domingues, Patrícia Lopes, Pedro Pinto, Raquel Cabral, Rui Querido

Curso: 28º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2017

Resumo

Enquadramento: A realização do ensino clínico num Serviço de Urgência é uma etapa marcante no processo de aprendizagem do estudante, uma vez que lhe exige a adaptação a um contexto de prestação de cuidados diversificados e complexos, sendo inevitavelmente gerador de ansiedade e de stresse.

Objetivos: Verificar se as variáveis sociodemográficas e académicas interferem no stresse dos estudantes de enfermagem, em ensino clínico de urgência; avaliar os fatores de stresse nos estudantes de enfermagem no ensino clínico de urgência; verificar a relação das variáveis sociodemográficas, académicas e fatores de stresse em ensino clínico com a depressão, ansiedade e stresse.

Métodos: Estudo quantitativo, descritivo-analítico e transversal, realizado numa amostra não probabilística por conveniência, constituída por 74 antigos estudantes de enfermagem. Recorreuse a um questionário de autopreenchimento, constituído por um questionário de caracterização sociodemográfica e académica, Escala de Ansiedade Depressão e Stress de Lovibond e Lovibond, adaptada por Pais-Ribeiro, Honrado e Leal (2004), Escala KEZKAK de Zupiria Gorostidi e colaboradores (2003), traduzida e adaptada para a população portuguesa por Barroso et al. (2008).

Resultados: Amostra maioritariamente feminina (78,4%), com uma média de idade, aquando da realização do ensino clínico de urgência, a rondar os 23,32 ($\pm 3,407$ Dp), sendo os homens ($M=24,40 \pm 3,282$ Dp), em média, ligeiramente mais velhos que as mulheres ($M=23,02 \pm 3,408$ Dp). O valor médio de stresse foi de 6,24 ($\pm 3,522$ Dp). O valor médio mais elevado nos fatores de stresse foi na dimensão “Impotência e incerteza” 17,39 ($\pm 7,889$ Dp), seguindo-se a “Falta de competência” ($M=16,02 \pm 9,076$ Dp) e o “Contacto com o sofrimento” ($M=13,36 \pm 6,819$ Dp). As mulheres revelaram mais stresse durante o ensino clínico de urgência, destacando-se o fator relação íntima com o estudante ($p=0,011$). No geral, os estudantes mais novos, sem companheiro(a), residentes em meio urbano, a coabitar com residiam com amigos/residência, cujo ensino clínico decorreu em Lamego foram os que revelaram valores de ordenação média mais elevados nos fatores de stresse no ensino clínico, sugerindo que são estes os que revelam níveis mais elevados de stresse.

Conclusão: Os resultados acentuam a necessidade de, na formação inicial do Curso de Licenciatura em Enfermagem, serem trabalhadas estratégias que objetivem diminuir o nível de stresse experienciado pelos estudantes ao longo do ensino clínico de urgência, tendo em conta a sua complexidade. O processo de ensino e aprendizagem dos estudantes de enfermagem, para



além da formação profissional rigorosa que tem de possibilitar, deve igualmente preocupar-se em enfatizar o seu desenvolvimento psicossocial no decorrer de toda a sua formação académica.

Palavras-chave: Estudantes de enfermagem; Ensino clínico de urgência; Stresse.

Título do Estudo: Atitudes dos enfermeiros e estudantes de enfermagem em relação à pessoa idosa

Investigadores Principais/Orientadores: Professora Doutora Ana Isabel Nunes Pereira de Azevedo e Andrade e Coorientação de Professor Doutor João Carvalho Duarte

Investigadores Colaboradores (alunos): Ângela Marisa Monteiro Nunes, Cátia Andreia Duarte Pinto, Cláudia Correia Marques, Fátima Margarida Alves Esteves, Letícia Santos Gomes

Curso: 28º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2017

Resumo

Enquadramento: As atitudes associam-se às crenças ou aos estereótipos que cada um de nós tem acerca da pessoa idosa. Referem-se à tendência para se perceber as pessoas de uma determinada idade como um grupo homogéneo, que frequentemente se caracterizam por determinados traços negativos, como, sejam, a incapacidade e a doença. As atitudes/preconceitos depreciativos podem condicionar a comunicação com as pessoas idosas, no quotidiano profissional dos enfermeiros e no contexto da prática clínica dos estudantes de enfermagem.

Objetivos: Conhecer as atitudes dos enfermeiros e dos estudantes de enfermagem em relação à pessoa idosa; identificar as variáveis que influenciam as atitudes dos enfermeiros e estudantes de enfermagem em relação à pessoa idosa.

Metodologia: Estudo quantitativo, transversal, descritivo e analítico, numa amostra de 247 participantes, sendo 54 enfermeiros e 193 estudantes de enfermagem, com uma idade média de 24,12 anos ($\pm 8,92$ anos). A recolha de dados foi suportada num questionário de caracterização sociodemográfica, profissional, familiar e social construído para o efeito, pela Escala de ImAges (Sousa, Cerqueira & Galante, 2002); Escala de Atitudes Perante os Idosos (Kogan, 1967) traduzida por Nunes (1995), Escala Veiga de Competência Emocional (EVCE) (Veiga, 2004).

Resultados: Os enfermeiros apresentam uma atitude positiva enquanto que os estudantes de enfermagem manifestam uma atitude negativa face à pessoa idosa. Os participantes que revelam atitude positiva são: os enfermeiros, com idade ≥ 23 anos, com companheiro, a coabitar com familiares e detentores de curso superior. Não residem com idosos, atribuem bastante importância às relações com estes e não participaram em atividades de voluntariado com idosos. A idade, os fatores da ImAges (Incompetência relacional e cognitiva; Dependência física, emocional e antiquado e Maturidade relacional e cognitiva) e as habilidades da Competência Emocional (Gestão de emoções e Empatia) revelaram – se preditoras das áreas das atitudes, bem como da atitude positiva e negativa dos enfermeiros e dos estudantes de enfermagem em relação à pessoa idosa.

Conclusão: Os enfermeiros apresentaram uma atitude mais positiva perante a pessoa idosa, revelando a importância de promover uma imagem positiva do idoso bem como o desenvolvimento da competência emocional. O plano curricular do curso de enfermagem, deve contemplar todo o processo de envelhecimento e uma prática clínica capaz de melhorar as atitudes dos estudantes face à pessoa idosa.

Palavras-chave: Enfermeiros; Estudantes de enfermagem; Atitudes; Pessoa idosa.

Título do Estudo: Inteligência emocional: a autoavaliação dos comportamentos, problemas e competências emocionais em alunos do 3º ciclo do ensino básico

Investigadores Principais/Orientadores: Professor Doutor João Duarte; Professora Doutora Cláudia Chaves

Investigadores Colaboradores (alunos): Ana Catarina Nogueira Lopes, Diana Patrícia Ferreira Loureiro, Inês Margarida Gonçalves Costa, Maria de Fátima Videira Albuquerque Fernandes, Ricardo Morais Caprichoso

Curso: 28º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2017

Resumo

Enquadramento: A adolescência é um período gerador de modificações biopsicossociais o que justifica o estudo da autoavaliação dos comportamentos, problemas e competências emocionais em alunos do 3º ciclo do ensino básico.

Objetivos: Verificar a autoavaliação dos comportamentos, problemas e competências emocionais em alunos do 3º ciclo do ensino básico.

Metodologia: Estudo quantitativo, transversal, descritivo e analítico, envolvendo uma amostra de 222 estudantes (115 raparigas vs. 107 rapazes), com uma idade média de 13.36 anos (± 0.93 anos), predomínio da nacionalidade portuguesa (rapazes 97.2% vs. raparigas 97.4%). No grupo dos rapazes, 36.4% frequentam o 7º ano e 36.4% frequentam o 8º ano de escolaridade. No grupo das raparigas, 36.0% estão no 7º ano e 24.3% no 9º ano de escolaridade. A recolha de dados inclui o questionário de dados sociodemográficos, caracterização académica, de prática de desporto, pertença a uma organização e questões concernentes ao número de amigos íntimos que os alunos têm e o Questionário de Autoavaliação para Jovens (Youth Self-Report - YSR).

Resultados: Grande parte dos rapazes (59.8%) pratica 3 desportos em comparação com 43,5% das raparigas; 34,6% dos rapazes e 43,5% das raparigas dizem ter 3 ou mais passatempos/atividades/jogos. O valor médio mais elevado recaiu no comportamento agressivo ($M=6.49\pm 4.73$). Obteve-se valores mais elevados na internalização ($M=13.12\pm 8.49$) e na escala de atividades ($M=11.16\pm 4.24$). Os perfis de competências mostram que os rapazes apresentam uma competência normativa (75.7%), assim como as raparigas (85.2%). Os rapazes apresentam índices mais elevados de socialização, problemas sociais, de atenção e comportamentos delinquentes; as raparigas manifestam uma melhor escala de atividades, mais problemas de ansiedade/depressão, isolamento, queixas somáticas, problemas de pensamento e comportamento agressivo. O passatempo tem uma influência positiva em relação às síndromes, queixas somáticas, problemas sociais, problemas de atenção, comportamento delincente e agressivo e na externalização (escala de atividades $p=0.000$; comportamentos de atenção ($p=0.019$; comportamento delincente $p=0.032$). A realização de tarefas tem efeitos positivos na socialização e uma menor incidência de problemas sociais, problemas de pensamento, problemas de atenção, comportamento delincente e agressivo, e externalização (escala de atividades $p=0.000$; comportamento delincente $p=0.012$). Os alunos com amigos íntimos revelam mais competências na realização de atividades e menos incidência de ansiedade/depressão, isolamento, problemas sociais, problemas de pensamento, problemas de atenção, comportamento delincente e externalização (escala social, $p=0.005$).



Conclusão: Os resultados sugerem a necessidade de um maior investimento dos enfermeiros num acompanhamento mais próximo e eficiente junto dos adolescentes, de modo diminuir a incidência de distúrbios comportamentais, promovendo a formação de jovens adultos, com condutas corretas e uma boa saúde mental.

Palavras-chave: Autoavaliação; comportamentos, problemas; competências emocionais; alunos.

Título do Estudo: Perceção da família sobre a qualidade de vida oral das crianças

Investigadores Principais/Orientadores: Professora Doutora Isabel Bica

Investigadores Colaboradores (alunos): Bebiana Sousa, Henrique Marques, Inês Fernandes, Jéssica Maranhão, João Pereira, Solange Gonçalves

Curso: 28º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2017

Resumo

Enquadramento: Na infância, os pais/encarregados de educação são as pessoas responsáveis pelos hábitos e comportamentos de saúde oral da criança, sendo os seus comportamentos observados e imitados pela criança, com repercussões na sua qualidade de vida relacionada com a saúde oral.

Objetivos: Verificar a relação entre as variáveis sociodemográficas dos pais e a qualidade de saúde oral das crianças; analisar a relação entre os antecedentes clínicos durante a gravidez da mãe e a qualidade de saúde oral das crianças; verificar se os dados sociodemográficos das crianças interferem na sua qualidade de saúde oral; averiguar se as variáveis de vigilância de saúde da criança e as variáveis de hábitos de higiene oral influenciam na sua qualidade de saúde oral.

Métodos: Estudo quantitativo, descritivo-analítico e transversal, realizado numa amostra não probabilística por conveniência, constituída por 634 pais/encarregados de educação de crianças que frequentam o pré-escolar e escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico pertencentes ao distrito de Viseu. O instrumento de recolha de dados, cedido por Bica (2013), encontra-se estruturado com: dados referentes aos pais (pai/mãe) e à criança; Pais: consumos e hábitos de higiene oral e antecedentes clínicos durante a gravidez da mãe; Criança: vigilância da saúde e hábitos de higiene oral; Escala do Impacto da Saúde Oral na Primeira Infância – ECOHIS - de Pahl, Rozier e Slade (2007).

Resultados: Amostra maioritariamente feminina (88,6%), com a idade média de 34,63 anos ($\pm 5,667$ anos), 64,3% residem em meio rural, possuindo a maioria dos homens até ao 3º ciclo do ensino básico (60,6%) e as mulheres o ensino secundário/tecnológico (58,9%), 73,0% da amostra coabita com a criança e com três ou menos pessoas. Verificou-se que 98,3% das crianças têm vigilância da saúde, 93,4% possuem orientação de saúde e higiene oral, em 94,0% das crianças foi observada a boca/dentes nas consultas de vigilância de saúde, principalmente pelo médico de família (45,3%); 74,1% dos participantes classificaram a saúde da criança como muito boa/boa, 56,9% já levaram a criança ao dentista; 50,3% aprenderam a escovar os dentes com outras pessoas; 62,8% escovam os dentes com ajuda; 81,2% nunca tiveram dor de dentes; 78,5% não têm cárie dentária; 70,8% escovam 2 vezes ou mais os dentes por dia.. As crianças com melhor qualidade de saúde oral são: as residentes em meio urbano ($t=2,310$; $p=0,021$); os rapazes ($t=-2,172$; $p=0,030$); os mais novos ($p=0,000$); ; as que têm muito boa/boa saúde oral ($p=0,000$); que nunca foram ao dentista ($p=0,000$); que escovam os dentes com ajuda ($t=2,147$; $p=0,032$); que nunca tiveram dores de dentes e estão livres de cárie dentária ($p=0,000$); aos que nunca foram introduzidos alimentos ricos em açúcares na alimentação ($p=0,031$; $p=0,020$).



UniciSE

Conclusão: Os resultados salientam a necessidade de mais intervenção por parte dos profissionais de saúde na observação da boca/dentes e acentuar a promoção da saúde oral realizada nas consultas de vigilância e nas escolas, continuando-se a informar e educar, sobretudo em relação aos procedimentos para uma correta higiene oral e para a consequência dos alimentos na saúde oral, o que requer a participação dos pais/encarregados de educação.

Palavras-chave: Qualidade de vida relacionada com a saúde oral; Família; Crianças.

Título do Estudo: Sobrecarga dos Prestadores de Cuidados Informais em Idosos Dependentes

Investigadores Principais/Orientadores: Professora Doutora Suzana André e Coorientador Professor Doutor João Duarte

Investigadores Colaboradores (alunos): Carlos Gomes, Érica Lopes, Márcia Augusto, Paulo Lopes, Pedro Ferreira, Tânia Brito

Curso: 28º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2017

Resumo

Introdução: Perante o aumento da esperança média de vida e as limitações que muitas vezes lhe estão correlacionadas, cada vez mais a nossa população carece de cuidadores. O prestador de cuidados espera conseguir assegurar cuidados com a melhor qualidade e dignidade, por vezes com ou sem ajuda de um familiar ou profissional de saúde. Em resultado deste encargo reconhecem estar sujeitos a uma sobrecarga.

Objetivos: Definir o contexto sociodemográfico dos cuidadores informais; Avaliar a sobrecarga dos cuidadores informais; Analisar a relação das variáveis sociodemográficas com a sobrecarga dos cuidadores informais; Determinar se as variáveis de contexto sociofamiliar (funcionalidade familiar e apoio social) têm efeito significativo no nível de sobrecarga do cuidador informal; Avaliar a relação das variáveis socioeconómicas com a sobrecarga dos cuidados informais.

Métodos: estudo de análise quantitativo, em corte transversal, de natureza descritiva e análise correlacional-explicativa, com 127 prestadores de cuidados, região centro. Para realizar a recolha de dados amostral foi usado um instrumento de avaliação sustentado por um questionário com a caracterização do cuidador, situação laboral e zona de residência, a Escala de Graffar (Moniz, 2007), Escala de Apgar Familiar (Azeredo & Matos, 1989), Escala de Rede de Apoio Social – ERAS (Lubben, 1998), Escala de sobrecarga do cuidador – ESC (Sequeira, 2007).

Resultados: A amostra na sua maioria é do sexo feminino (80,3%), com idade compreendida entre 31 e 64 anos (69,3%), 66,9% dos prestadores de cuidados têm companheiro(a) e prevalece a escolaridade até ao 3º ciclo em 51,1% da amostra. Do inquiridos 49,6% apresentam sobrecarga intensa e 18,9% não apresenta sobrecarga.

Conclusão: As evidências encontradas neste estudo indicam que uma maioria dos prestadores de cuidados informais apresenta níveis de sobrecarga, sendo preditores de sobrecarga as variáveis sociodemográficas, socioeconómicas e a funcionalidade familiar. Deste modo, temos a salientar a importância dos enfermeiros neste contexto uma vez que devem apoiar e orientar a família enquanto prestadora de cuidados. A família por seu lado deve apostar em estratégias que solidifiquem a sua estrutura familiar de forma a promover a sua funcionalidade sem descurar a rede de apoio social, ou seja, o contato com atividades externa ao seio familiar e as relações de amizade. Este é o paradigma que emerge atualmente em que os cuidados ao idoso dependente estão entregues aos seus familiares mais próximos, podendo este ser o cônjuge ou um descendente.

Palavras-chave: Cuidador informal; Sobrecarga; Família; Esposos.